



Disponível em
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Curitiba, v. 15, n. 4,
pp. 766-775, Jul./Ago. 2011



Documentos e Debates:

Tréplica - Análise de Conteúdo: Ampliando e Aprofundando a Reflexão sobre a Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração

Content Analysis: Broadening and Probing Reflection on the Analysis Technique of Qualitative Data in the Field of Management

Anelise Rebelato Mozzato *

E-mail: anerebe@terra.com.br
Universidade de Passo Fundo – FEAC/UPF
Passo Fundo, RS, Brasil.

Denize Grzybovski

E-mail: gdenize@upf.br
Universidade de Passo Fundo – FEAC/UPF
Passo Fundo, RS, Brasil.

* Endereço: Anelise Rebelato Mozzato

Rua Adolfo Loureiro, 190, apto. 401, Bairro Lagoa do Potreiro, Passo Fundo/RS, 99010-650.

Copyright © 2011 RAC. Todos os direitos, até mesmo de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte.

Primeiramente gostaríamos de agradecer a oportunidade ímpar de não apenas poder refletir sobre a análise de conteúdo; mas, acima de tudo, o ensejo de debater com colegas, como o prof. Dr. Henrique M. R. de Freitas e a profa. Dra. Sylvia Constant Vergara. Ao prof. Henrique Freitas, agradecemos a sua pontual contribuição teórica, que ampliou o conteúdo do artigo original, e retribuimos a felicitação pela publicação. Mas bah, tchê! As gurias de Passo Fundo e o guri de Uruguaiana se encontram na RAC, que feliz identificação rio-grandense! A profa. Sylvia Vergara, que sempre está com sorriso contagiante nos corredores do EnAnpad, agradecemos sua forma ímpar de promover o debate na academia, apresentando provocações muito pertinentes que nos desafiaram, cujo resultado certamente contribuirá para o avanço da área de ensino e pesquisa em administração.

Confessamos que, assim que recebemos as Réplicas, sentimos o **peso** da nossa responsabilidade em debater, em nível nacional, uma temática tão importante (apesar de recorrente) com profissionais extremamente competentes e que fazem **toda** a diferença no meio acadêmico. Como não poderia ser diferente, em razão do profissionalismo dos dois replicantes, eles escreveram os seus textos com muito respeito, originalidade, densidade e argumentação clara e precisa, ampliando e aprofundando o debate, o que muito nos enaltece.

Sendo assim, mais uma vez sentimos o peso da nossa responsabilidade. Contudo, dessa vez mais especificamente perante a comunidade científica (nossos alunos e colegas pesquisadores), que pretendem conhecer (ou já conhecem) e trabalhar (ou já trabalham) com a análise de conteúdo, como técnica de análise de dados em suas pesquisas de Administração. Após a leitura das Réplicas e ao repensar a nossa escrita do texto propulsor deste debate, percebemos que a redação da Tréplica também se constitui numa exposição das autoras. Com a perspicaz escrita dos replicantes, a análise de conteúdo poderá ser entendida, nos seus mais diversos matizes, por meio desta sessão de Documentos e Debates propiciada a nós pelos editores da RAC. Portanto, reiteramos nosso pensamento:

Acredita-se que este ensaio teórico pode ser de grande utilidade tanto para os pesquisadores do campo da administração que já vêm utilizando a técnica, como para aqueles que pretendem vir a utilizá-la, pois se sabe que muitos se aventuram na sua aplicação em razão da sua visibilidade e credibilidade no meio científico, porém não a conhecem de fato (p. 732).

Uma das nossas principais preocupações, ao escrever o artigo que gerou esse debate, foi justamente a inquietação com o rigor (não rigidez) científico e a profundidade dos resultados apresentados nas produções científicas brasileiras de Administração. Dado o fato de que a análise de conteúdo, como técnica de análise de dados qualitativos, é legítima no meio acadêmico no campo da administração, esta deve entrar na pauta das discussões científicas. Portanto, o artigo inicial direcionou-se no sentido de analisar criticamente as controvérsias e as potencialidades do método na pesquisa qualitativa de administração, sobretudo, apoiadas na proposta de Bardin (1977). Para tanto, resgataram-se algumas particularidades da técnica análise de conteúdo, salientando seu potencial de aplicação e integrando os conceitos mais importantes, para dar ensejo às diversas possibilidades na utilização da técnica, numa abordagem analítica crítica e reflexiva. Contudo, não foram enfatizadas as diferentes orientações epistemológicas e paradigmáticas que pudessem inquietar o leitor.

Bem, é com imensa satisfação e estímulo que iniciamos a nossa Tréplica, a qual retomará o diálogo com os respeitadores replicantes, seguindo certa ordem. Num primeiro momento, estaremos respondendo à Réplica 1, realizada pelo prof. Henrique Freitas. Logo após, a resposta direciona-se à Réplica 2, feita pela profa. Sylvia Vergara. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Dialogando com o Prof. Henrique M. R. de Freitas

Muitas vezes, prof. Freitas, em áreas como a da Administração, cuja consciência já foi dominada pelo método tradicional de fazer ciência (imperativo da objetividade), **novas** possibilidades metodológicas são vistas com desconfiança e preconceito. Portanto, este espaço a nós proporcionado

torna-se importante também no sentido de despertar e promover a construção de saberes para além do modelo de ciência predominante (positivismo). Eis aí uma das maiores dificuldades em razão da racionalidade instrumental ainda predominante no campo da administração (porque não dizer, da ciência como um todo?!).

Percebe-se então que a racionalidade transformadora necessita ser (re)construída, pois “o mundo não é O mundo está sendo,” como refere Freire (1979, p. 33). Portanto, “o desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente” (1979, p. 85). Acredita-se que, por meio da práxis, termo cunhado pelo referido autor, o *mainstream* funcionalista pode ceder espaço para outras racionalidades, se enfatizarmos que há outros caminhos metodológicos a percorrer. Eis um dos nossos papéis na academia. É nessa luta que nos reconhecemos como pesquisadoras e, como o prof. Freitas, esperamos que participar de um Programa de Pós-graduação (coordenando, como professor ou aluno), “seja novamente para formar pesquisadores, e cada qual um melhor cidadão, e ajudar a construir um País melhor” (p. 749).

Ao refletirmos a respeito do nosso tema de interesse, ou melhor, ao nosso interesse em fazer ciência com qualidade e responsabilidade, lembramo-nos de Bourdieu: “pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o *rigor*” (1989, p. 26). Como já salientamos no artigo inicial:

Mesmo Bardin (2006) rejeita esta ideia de rigidez e de completude, deixando claro que a sua proposta da análise de conteúdo acaba oscilando entre dois polos que envolvem a investigação científica: o rigor da objetividade, da cientificidade, e a riqueza da subjetividade. Nesse sentido, a técnica tem como propósito o ultrapassar o senso comum do subjetivismo e alcançar o rigor científico necessário, mas não a rigidez inválida, que não condiz mais com tempos atuais (p. 736).

Portanto, novas possibilidades metodológicas também necessitam de legitimação no meio acadêmico, pois é por meio da pesquisa, do trabalho científico, que se pode vislumbrar uma racionalidade transformadora. É nessa lógica transformadora que percebemos a fala do prof. Freitas, ao pensar na análise dos dados de pesquisa científica.

De maneira muito perspicaz, o prof. Freitas buscou e conseguiu, na sua Réplica, a ampliação do escopo da análise de conteúdo, trazendo, a nosso ver, grande contribuição teórica e muita (e não pouca como referiu) reflexão à temática em questão, pelo que gostaríamos de lhe agradecer a inclusão de seus belíssimos trabalhos de pesquisa (alguns só seus e outros com colegas), no que tange à área de ensino e pesquisa de Administração. Dessa forma, os leitores deparam-se com um conjunto riquíssimo de materiais científicos necessários à reflexão sobre a prática analítica e instigantes da reflexão crítica (confessamos, também fomos instigadas).

Assim, não temos a pretensão de replicar o que já foi muito bem dito. Contudo, gostaríamos de salientar a nossa concordância em muitos aspectos, sobretudo no que se refere à utilidade, para não dizer necessidade, da combinação de diferentes métodos de análise de dados. Nesse sentido, corroboramos o pensar de Freitas:

Pode-se considerar uma forma de dinamizar o processo de exploração dos dados, mais que um fim em si, e, com isso, podemos exercer a curiosidade de investigação, sem ter a preguiça, e sim, pelo contrário, tendo vontade de olhar e **fuçar** mais e mais nas nossas ideias, *insights*, devaneios intelectuais em torno dos dados, porque fica bem mais rápido e fácil lidar e mexer com eles, checando assim se nossas ideias encontram ali consistência de argumento que vale a pena seguir. As técnicas, dessa forma, talvez não nos deem respostas prontas, mas nos oportunizam as pistas **quentes** a seguir! (p. 752).

Diante desta proposta de dinamização e profundidade científica no processo de exploração dos dados coletados, o prof. Freitas prova (por meio de uma escrita clara e precisa) a pertinência (facilidade e melhores resultados) da análise léxica, a qual se apoia em atos de linguagem, como

precedente na análise de conteúdo. Foi assim que nós mesmas, com base em Chizzotti (2006), citamos no texto inicial, a análise léxica, junto com análise de categorias, análise da enunciação e análise de conotações como importantes na descodificação dos documentos, devendo o pesquisador identificar o(s) procedimento(s) mais apropriado(s) para o material a ser analisado.

Percebemos e acreditamos que a escrita do prof. Freitas, no que tangencia a análise léxica, é de fundamental importância, complementando, e muito, a nossa escrita inicial. Obrigada, professor! Dado o exposto, torna-se explícito que a análise de conteúdo configura-se (só ou junto com a análise léxica) como um dos meios para o bom desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da administração. Em momento algum tivemos a pretensão de impor o método como único ou o melhor, uma vez que reconhecemos que cada questão de pesquisa, cada campo empírico e cada conjunto de dados levam à escolha (esperamos que consciente) de uma técnica ou de um conjunto (ou combinação) de técnicas de análise de dados. Como afirmam Shah e Corley (2006), a utilização de múltiplos métodos é necessária para uma construção mais apurada. Seguindo esta lógica, até mesmo no momento em que apresentamos rapidamente outras técnicas de análise de dados no artigo desencadeador deste debate, afirmamos:

Por mais que o foco deste ensaio teórico tenha sido a análise de conteúdo, não se afirma que se constitui na técnica de análise de dados mais apropriada ou legitimada, e, sim, que se insere como uma técnica em crescente utilização e legitimação nos estudos qualitativos no campo da administração (p. 737).

Nesse mesmo sentido, também entendemos que os procedimentos qualitativos e quantitativos se complementam na análise dos dados, podendo, como bem pontua o prof. Freitas, servir até mesmo como procedimento confirmatório. Raciocinamos como Pettigrew (1997) quanto ao fato de que a investigação é uma atividade artesanal que envolve intuição, julgamento e conhecimento tácito do pesquisador. No entanto, certas **regras** devem ser seguidas com o intuito de ajudar a melhor estruturação da análise e a consequente apresentação sistematizada que auferem validade ao exposto. Para tanto, pode haver uma combinação de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. Como salienta o autor, daí a importância de se trabalhar com ambas as abordagens. Pensando de maneira semelhante, Shah e Corley (2006) referem que uma técnica tanto complementa, como, muitas vezes, instiga a outra.

Também nos lembramos de Thomas Kuhn, o qual já havíamos citado no nosso artigo inicial, mas não nesse sentido específico. Apesar das várias obras escritas pelo autor, é o livro *A estrutura das revoluções científicas* (Kuhn, 1991) o considerado, por grande parte dos cientistas, como uma das principais produções epistemológicas do século XX, no qual se centra o caráter revolucionário do progresso científico, em que a linearidade no desenvolvimento científico é refutada. Como bem pontua o referido autor, as próprias comunidades científicas necessitam despojarem-se de seus próprios paradigmas, em busca de **revoluções científicas** que atendam às necessidades da sociedade na atualidade. Portanto, como refere o prof. Freitas, temos de cuidar para não virarmos “metodologista de carteirinha” (p. 754), invertendo os meios pelos fins, pois a área da administração tem muito que desenvolver, inventar, ousar e crescer.

O prof. Freitas discorre na Réplica a respeito de um dos seus trabalhos, escrito em conjunto com Janissek-Muniz e Moscarola (2005). Ele salienta a combinação de técnicas e ferramentas na análise de dados qualitativos, a qual permite que o pesquisador registre a subjetividade de sua percepção, tendo, ao mesmo tempo, a noção do resultado da análise em curso: então percebemos quão necessária se faz a leitura desse artigo, o que imediatamente fizemos. Além do mais, como ele próprio se propõe (disponibilidade particular em debater o tema), preconizamos que tal debate ganhe corpo na academia brasileira, pois muito pode contribuir para o avanço na área de ensino e pesquisa de Administração. Ainda assim, não vamos esquecer-nos de incluir nesse debate a “escuta permanente” (p. 758), proposta por Freitas e Costa (2010), pois temos de pensar nos direcionamentos futuros da pesquisa qualitativa (não em detrimento da quantitativa).

Quanto ao grande número e facilidade dos aparatos tecnológicos como auxiliares no processo de análise dos dados, seja análise de conteúdo, análise léxica ou ainda outras, acreditamos que tanto no artigo que originou esse debate, como na Réplica 1, tais questões ficaram bem esclarecidas, para não dizer instigativas. Nós enfatizamos mais o *software* N-Vivo; já o prof. Freitas salientou a sua utilização do *software* Sphinx Léxica, sem ignorar a proposta de classificação de *softwares* para análise textual e as possibilidades e desafios de utilizar um programa CAQDAS, apresentadas por Bandeira-de-Melo (2006). Enfim, acreditamos na importância do auxílio de tais programas, que otimizam tempo, dinamizam e qualificam o processo da análise de dados em pesquisas científicas. Sendo assim, consideramos importante a demonstração da Figura 1, a qual demonstra a dupla competência exigida dos sistemas informatizados no processo de análise de dados.

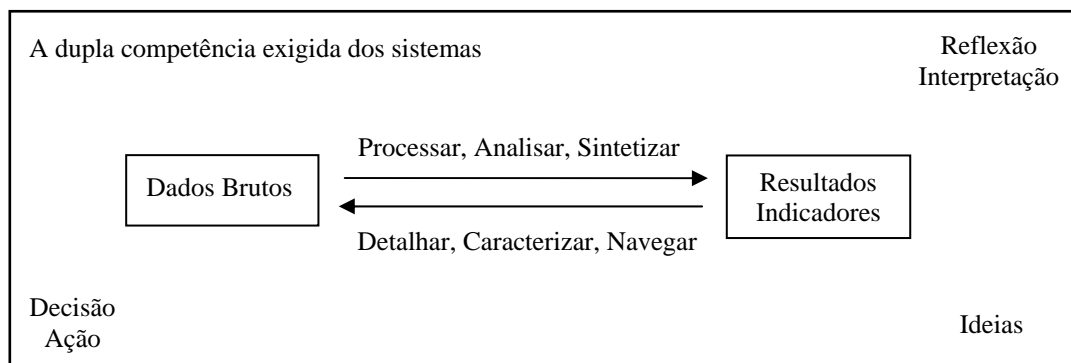


Figura 1. Lógica Exigida dos Sistemas para Melhores Condições de Informação ao Decisor.

Fonte: Freitas, H. (2000). Análise de dados qualitativos: aplicações e as tendências mundiais em Sistemas de Informação (p. 2). *Revista de Administração da USP*, 35(4), 84-102.

Com base nesta figura, a qual explicita claramente a lógica exigida dos sistemas informatizados para análise de dados, reiteramos nossa posição quanto à profícua utilização desses *softwares*, que dão conta dessa lógica. Para tanto, o pesquisador necessita fazer uma escolha, dado o fato de que existem no mercado atual mais de vinte e cinco programas disponíveis para análise de dados qualitativos (Flick, 2009).

Refletindo com a Profa. Sylvia Constant Vergara

A primeira leitura da sua Réplica revela questionamentos pontuais e nos impõe uma tarefa desafiadora no sentido de responder a cada um deles. No entanto, ao tentar fazê-lo numa perspectiva pragmática, nos deparamos com o desconforto de selecionar partes para compor o todo. Essa fragmentação e tentativa de respostas pontuais se mostrou infrutífera e nos conduziu muito mais à reflexão crítica sobre nossa própria escrita do que à busca de respostas (ou verdades), ou seja, gerou muitas inquietações.

A primeira inquietação, expressa na sua reflexão sobre o seu livro (Vergara, 2005), nos remete a pensar em como expressar o rigor científico em cada método de pesquisa, mas também a contextualizar os achados científicos, a dissertar sobre a neutralidade e verdade científicas, subjetividade e papel do pesquisador. Tens razão, Profa. Sílvia, quando afirmas que a ausência de neutralidade é inerente à pesquisa.

Bem, iniciamos a Tréplica da Réplica 2 pela questão da neutralidade. A discussão recorrente da neutralidade nas ciências sociais, assumindo-se a premissa de que não são neutras (e de que não devem sê-lo), faz parte de um debate que sugere consenso na **não neutralidade**. No discurso de Oliveira (1988, p. 125) consta: “não pode haver atividade de pesquisa que se pretenda científica se a noção de neutralidade for totalmente descartada”.

Como seria possível, então, estabelecer um ponto de partida para o reconhecimento da subjetividade do pesquisador nas ciências sociais, levando em consideração a neutralidade? Duas concepções podem auxiliar na discussão proposta: de um lado, Oliveira (1988) sobre a ênfase no método; de outro, as considerações de Bourdieu (1983, 2001) sobre o conceito de campo de pesquisa e vigilância epistemológicas em ciências sociais.

Oliveira (1988) remete à análise aos estudos desenvolvidos por Max Weber, cuja postura teórica admite os valores e sua presença nas ciências sociais, embora busque a certificação de que a pesquisa utiliza métodos que sejam neutros a ponto de serem reconhecidos por diferentes culturas; a ênfase passa a ser dada ao método, porém, por meio de uma explicação estrutural (Gerth & Mills, 1982; Nogueira, 1999). Os métodos e as técnicas, uma vez adotados, não podem ser transgredidos. “Os fatos são feitos, é verdade, mas essa feitura deve obedecer a regras que sejam aceitas pelo pensamento lógico, como são as da representatividade amostral, das inferências estatísticas [...]” (Oliveira, 1988, p. 123) discutidas em René Descartes.

Para confirmar o método e demonstrá-lo seriam necessárias premissas de **rigor científico** em ciências sociais. Por outro lado, tal afirmação nos leva a formular outra pergunta: a factualidade demonstrada e avaliada pela comunidade não seria uma forma de preservar a neutralidade axiológica? O domínio da lógica estaria, segundo Oliveira (1988), acima da perspectiva política e ideológica, dos interesses e das classes, à medida que o método utilizado estivesse sob **vigilância** da comunidade científica.

Sob o mesmo olhar de garantir um estudo da situação pela objetivação do campo, Bourdieu (1983, 2001) considera que, nas ciências sociais, as primeiras tarefas a serem desenvolvidas são as de instaurar, como norma fundamental da prática científica, a conversão do pensamento, a ruptura com o pré-construído e com tudo o que, na ordem social, o sustenta; tornar suspeita a conversão pessoal de exercer um magistério profético. E, para evitar a conversão pessoal, deve-se falar em objetivação ao invés de objetividade. A objetivação só pode ser concretizada por meio do rigor metodológico, ou seja, controle metodológico das pré-noções, descrição detalhada do lugar de onde se fala e descrição do recorte da realidade na percepção do pesquisador.

Sendo assim, advoga-se em favor da necessidade de o pesquisador se expor através de um discurso, naturalmente correndo riscos: “Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existe”, afirma Bourdieu (2001, p. 18).

Contudo, a postura do pesquisador, aqui enfatizada, não se refere a confundir rigidez com rigor. De fato, o principal elemento a ser apontado para a consecução da pesquisa científica objetivada é a vigilância epistemológica das condições de utilização das técnicas, da sua adequação ao problema de pesquisa proposto e às condições de seu emprego. Os pensadores clássicos deixam isso muito evidente e os pensadores pós-modernos não refutam, mas enfatizam sob nova ótica.

Nesse sentido, cabe também esclarecer a importância de ter um paradigma orientador na postura do pesquisador, que lhe sirva como **quadro de referência**. Afinal, são esses quadros que informam, dão sentido e rumo às práticas de pesquisa. É necessário que o pesquisador, muito mais do que saber defender sua posição metodológica em oposição a outras, reconheça a existência de diferentes lógicas de ação em pesquisa e que o importante é saber manter-se coerentemente a uma delas.

Para tanto, é necessário que o pesquisador saiba explicitar em seu relato de pesquisa a sua opção metodológica, o procedimento adotado na construção de sua investigação, bem como o quadro de referência. Enfim, evitar falar em **método científico no singular** (Romanelli & Biasoli-Alves, 1998), como se houvesse sempre uma única forma adequada de pesquisa, o que Bruner (1997, p. 11) denominou de “reinante espírito de **pequenos estudos limpos**” e, Gordon Allport, de **metodolatria**. É nesse contexto que expressamos, no texto original, serem necessárias “outras dinâmicas também à análise dos dados das pesquisas científicas” (p. 732), “sem desconsiderar a importância das etapas anteriores à análise científica de dados” (p. 733). Por etapas anteriores à análise entende-se a definição

de métodos científicos de pesquisa, a definição e a elaboração de instrumentos de coleta de dados, o processo de coleta e de tabulação de dados.

A etapa de análise dos dados, realizada com o uso da técnica análise de conteúdo, envolve um processo em diferentes fases, descritas no artigo que deu origem a esse debate (ver p. 734). As duas primeiras fases (pré-análise e exploração do material) implicam organizar o material coletado de acordo com os objetivos e questões de estudo, a partir de uma leitura prévia do material (e muitas releituras). Os resultados são abstrações e impressões relevantes que permitem definir a unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. A terceira fase permite desvendar conteúdos subjacentes ao que está sendo manifesto pelo ator social, sem, contudo, dissociar os elementos subjetivos que permeiam o conteúdo, como sentimentos, percepções, ideologias. Tais elementos são úteis para realizar uma análise lexical, com vistas a descobrir explicações e estabelecer relações causais (Freitas, Cunha, & Moscarola, 1997).

Na tentativa de superar a visão positivista, Minayo (1992) apresentou uma proposta de método para interpretação qualitativa dos dados, utilizando-se a técnica análise de conteúdo, que denominou de método hermenêutico-dialético. Na interpretação de Gomes (2001, p. 77):

Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem, como ponto de partida, *o interior da fala*. E, como ponto de chegada, *o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala*.

Sim, é o ator social quem fala e contextualiza sua fala. Por isso Gomes (2001, p. 77) destaca ainda que “não há consenso nem ponto de chegada”, pois na ciência se estabelece uma relação dinâmica entre a razão do ator social (aquele que pratica) e a ação dele pela experiência vivida (praticante na realidade concreta). O pesquisador, que contempla o espaço (contexto sociohistórico) e o ator social no espaço conseguem **apenas** aproximar-se da realidade e apresentar resultados provisórios, que podem a qualquer momento ser superados por novas afirmações (Gomes, 2001).

É esse espaço da pesquisa na área de administração que impede o pesquisador, ao optar pela técnica análise de conteúdo, de simplesmente fazer a redução de um dado a percentual ou frequência. Ao estabelecer relações entre o contexto sociohistórico e a fala do ator social à frequência/percentual, garantimos a possibilidade de fazermos interpretações próximas da realidade e de apresentarmos conclusões sempre inacabadas.

A análise elaborada pelo pesquisador, ponto de partida no processo de construção do conhecimento científico, já traz consigo uma visão de mundo. Essa vai determinar cada um dos passos seguintes no desenvolvimento da síntese, incluindo e excluindo outras possibilidades de compreensão, o que, na visão de Max Weber (1991), se dá pelas próprias intenções dos homens por meio da introspecção. Nesse contexto, a análise é aquela que mostra o caminho pelo qual a verdade foi efetivamente descoberta, de modo que o leitor não é só “constrangido ao assentimento”, mas compreende a conclusão tão bem quanto quem a descobriu pela primeira vez (Zeitlin, 1976, p. 71).

Esse processo de construção do saber científico não é isento de **dúvida científica** e, na Administração, impede em conceituar a **verdade absoluta**. Foi a dúvida científica que levou Descartes (2000) a estabelecer diferenças entre a **atitude teórica** e a **atitude prática** na qual a dúvida sobre as opiniões não controladas não deve levar a nenhuma ação prática. Descartes (2000) queria estender a dúvida a todas as proposições para, assim, reconstruir o **edifício do saber**. Para tanto, propôs que fossem consideradas falsas todas as premissas admitidas antes de iniciar a reflexão filosófica, em processo contínuo de (des)construção do edifício do saber.

Essa postura metodológica provoca questionamentos no estágio atual em que se encontra o desenvolvimento da ciência. É na desconstrução e posterior construção do edifício do saber que a ciência se desenvolve. É no século XIX que ela triunfa em todas as ciências, ao transitar da pesquisa fundamental para a pesquisa aplicada. E, pelos fundamentos teóricos da sociologia do conhecimento, tem-se importante contribuição na elucidação do aparente conflito epistemológico em torno da **verdade científica** no campo das ciências sociais.

A respeito de verdade científica, torna-se importante destacar que a sociologia do conhecimento é a **arte da desconfiança** (Berger & Luckmann, 2004, p. 18). Assim, o historicismo que precedeu a sociologia do conhecimento trouxe à tónica a relatividade de todas as perspectivas sobre os acontecimentos humanos. Dessa forma, coloca-se a sociologia do conhecimento (Mannheim, 1962, 1967) como o instrumento para a relatividade dos pontos de vista específicos, histórica e socialmente localizados.

Nesse sentido, a validação dos resultados de um estudo científico, na perspectiva da técnica análise de conteúdo, se dá pela comprovação da qualidade e autenticidade do texto e pela veracidade dos fatos reconhecidos pelo leitor. O risco, nesse caso, é produzir um trabalho não sistematizado, “dependendo unicamente do valor e da competência do operador (pesquisador)” (Freitas *et al.*, 1997, p. 97). Assim, a validação dos resultados de uma pesquisa **constitui** exigência básica em qualquer campo científico, seja na investigação quantitativa ou qualitativa.

Na área de Administração, no Brasil, a proliferação das pesquisas qualitativas não obteve correspondência, em termos de qualidade, em muitos estudos organizacionais, com ausência de clareza metodológica (Godoi & Balsini, 2006). Muitos desses estudos foram realizados a partir de estudos de casos, o que não significa que a investigação qualitativa prescinda da **generalização analítica** com elaboração prévia de teoria (Yin, 2001). Para qualquer estudo de caso, faz-se necessário desenvolver uma teoria antes da coleta de dados, mesmo que essa seja tarefa que demanda tempo do pesquisador e certo grau de dificuldade na sua elaboração (Yin, 2001). É neste nível que ocorrerá a generalização dos resultados do estudo de caso, papel que vem sendo confrontado com a generalização estatística (Yin, 2001) dos resultados.

A validade e a confiabilidade dos dados, por sua vez, se dá num conjunto de táticas descritas por Yin (2001), como validades do constructo, interna e externa. A **validade dos constructos** requer a triangulação de fontes múltiplas de evidência e seus encadeamentos, com um rascunho do relatório do estudo de caso revisado por informantes-chave. A **validade interna** se dá pela adequação ao padrão, construção de explanação, estudo de explanações concorrentes e utilização de modelos lógicos, enquanto a **validade externa** se dá pela lógica da replicação, em estudos de casos múltiplos, ou pela teoria, em estudos de caso único. Quanto à confiabilidade, Yin (2001) recomenda a utilização de protocolo de estudo de caso ou o desenvolvimento de um banco de dados para realizar esse estudo, com vistas a demonstrar que as operações de um estudo qualitativo podem ser repetidas, apresentando os mesmos resultados.

Chegando ao final, ainda nos cabe dizer, com base em Minayo (1992), que a análise de conteúdo tem sido um dos métodos mais comumente adotados na análise de dados qualitativos nas ciências sociais. De lá para cá, é cada vez mais comum a identificação da análise de conteúdo como técnica de análise de dados na Administração, tanto em artigos publicados em periódicos e debatidos em eventos, como em trabalhos acadêmicos. Assim, a nossa certeza quanto à necessidade de saber mais sobre esta técnica é reforçada.

Concluindo a Tréplica: Algumas Considerações Finais

Ao findar essa Tréplica, gostaríamos de agradecer formalmente à revista RAC pela sensibilidade e visibilidade quanto ao necessário debate a respeito de uma técnica de análise de dados dita recorrente, mas que muita vezes é utilizada de maneira equivocada pela banalização recursiva (todo o pesquisador se acha conhecedor da análise de conteúdo). Também agradecemos aos leitores e aos interlocutores o interesse em tratar da ciência e de seus processos metodológicos com todo o respeito (conhecimento) que merece para a produção de bons resultados e a necessária “revisitação” da ciência, mais especificamente aqui, da ciência administrativa.

Cientes de que precisamos avançar na área de ensino e pesquisa de Administração, reafirmamos a importância de os pesquisadores colocarem-se vigilantes quanto às racionalidades alternativas em face daquele que prepondera na ortodoxia. A ciência da administração, ainda em fase de consolidação, se desenvolve em contexto de diversidade e complexidade e num mundo cada vez mais fragmentado e incerto, no qual é imperativo pensar muito mais em **desordem** do que na ordem proposta pela ortodoxia funcionalista. Nesse sentido, é possível considerar a hermenêutica crítica da epistemologia dominante (Sousa Santos, 2000), a qual evoca um paradigma de conhecimento prudente (paradigma científico) para uma vida decente (paradigma social) num contexto de desequilíbrio dinâmico que penda para a emancipação, a qual se sobreponha à regulação.

Utilizando a ideia proposta no título da Réplica 1, é que finalizamos esta Tréplica: vamos continuar fazendo perguntas às respostas obtidas com uma pergunta inicial. Nesse sentido, vamos continuar debatendo, em profundidade e com seriedade, técnicas de análise de dados em pesquisas qualitativas em Administração. Eis um dos desafios que nos propomos...

Referências

- Bandeira-de-Melo, R. (2006). *Softwares em pesquisa qualitativa*. In C. K. Godoi, R. Bandeira-de-Melo, & A. B. Silva (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (Cap. 15, pp. 429-460). São Paulo: Saraiva.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (24a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1983). Esboço de uma teoria da prática. In R. Ortiz (Org.), *Pierre Bourdieu: sociologia* (pp. 46-81). São Paulo: Ática.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2001). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bruner, J. (1997). *Actos de significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Descartes, R. (2000). *Discurso do método* (J. Gama, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1979)
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed. (Obra original publicada em 1995)
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança* (M. Gadotti, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1979)
- Freitas, H. (2000). Análise de dados qualitativos: aplicações e as tendências mundiais em Sistemas de Informação. *Revista de Administração da USP*, 35(4), 84-102.
- Freitas, H., & Costa, R. S. (2010). É chegada a hora de escuta permanente, não somente pesquisas pontuais. *Revista Eletrônica GIANTE*. Recuperado em

http://www.ea.ufrgs.br/professores/hfreitas/files/artigos/2010/2010_gianti_hf_rsc_pesquisa_pon_tual_ou_escuta_permanente.pdf

- Freitas, H., Cunha, M. V. M., Jr., & Moscarola, J. (1997). Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. *Revista de Administração da USP*, 32(3), 97-109.
- Freitas, H., Janissek-Muniz, R., & Moscarola, J. (2005). Modelo de formulário interativo para análise de dados qualitativos. *Revista de Economia e Administração*, 4(1), 27-48.
- Gerth, H. H., & Mills, C. W. (Orgs.). (1982). *Max Weber: ensaios de sociologia* (5a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Godoi, C. K., & Balsini, C. P. V. (2006). A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In C. K. Godoi, R. Bandeira-de-Melo, & A. B. Silva (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (Cap. 3, pp. 89-112). São Paulo: Saraiva.
- Gomes, R. (2001). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (18a ed., pp. 67-80). Petrópolis: Vozes.
- Kuhn, T. S. (1991). *A estrutura das revoluções científicas* (3a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Mannheim, K. (1962). *Sociologia sistemática: uma introdução ao estudo da sociologia* (2a ed.). São Paulo: Pioneira.
- Mannheim, K. (1967). *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Minayo, M. C. S. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Nogueira, C. M. M. (1999). Considerações sobre a sociologia de Max Weber. *Caderno de Filosofia e Ciências Humanas*, 8(13), 12-19.
- Oliveira, L. (1988). Neutros e neutros. *Humanidades*, 5(19), 122-127.
- Pettigrew, A. M. (1997). What is a processual analysis. *Scandinavian Journal of Management*, 13(4), 337-348. doi: 10.1016/S0956-5221(97)00020-1
- Romanelli, G., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (Orgs.). (1998). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis-Summa.
- Santos, B. S. (2000). *Para um novo senso comum: ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez.
- Shah, S. K., & Corley, K. G. (2006). Building better theory by bridging the quantitative-qualitative divide. *Journal of Management Studies*, 43(8), 1821-1835. doi: 10.1111/j.1467-6486.2006.00662.x
- Vergara, S. C. (2005). *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Weber, M. (1991). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* (5a ed., R. Barbosa & K. E. Barbosa, Trads.). Brasília: Universidade de Brasília. (Obra original publicada em 1972)
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zeitlin, I. M. (1976). *Ideología y teoría sociológica* (3a ed.). Buenos Aires: Amorrortu.